



UMA ABORDAGEM SOBRE OS *RANKINGS* UNIVERSITÁRIOS: LIÇÕES PARA ANGOLA

AN APPROACH TO UNIVERSITY RANKINGS: LESSONS FOR ANGOLA

Isaú Alfredo Bernardo Quissindo ^{1*} ; José Maria Neto ¹; Domingos João Fernandes ¹ 

Virgínia Lacerda Quartin ¹ 

¹ Universidade José Eduardo dos Santos. Huambo-Angola. * Email para correspondência:

isau.quissindo@gmail.com

RESUMO

Cada vez mais e acentuadamente as universidades angolanas têm se surpreendido com suas posições nos *rankings* internacionais, tributando uma série de preocupações ao nível da esfera política e da sociedade no geral, além da própria academia. Tal cenário, coloca sobre “descredito” o seu papel, relevância e importância como Universidade. Visto que os *rankings* universitários constituem ferramentas importante na avaliação e comparação de IES ao redor do mundo, em Angola, onde a qualidade do ES é uma preocupação crescente, é crucial entender as nuances desses *rankings* e extrair lições relevantes para aprimorar o sub-sistema de Ensino Superior (ES). Este estudo faz uma abordagem sobre os *rankings* universitários mundiais. Foram destacadas questões como: principais *rankings* globais e africanos, critérios utilizados nos *rankings* (pesquisa, ensino, internacionalização, inovação, impacto social:), desafios e críticas aos *rankings* universitários e lições para Angola. Constatou-se que o ES angolano enfrenta desafios relacionados com o Corpo docente, a Liderança, governança e gestão, as Infraestruturas físicas e equipamentos, os Recursos financeiros e diversificação das fontes de receitas, a Equidade no acesso e no género, a Pesquisa e inovação, a

ABSTRACT

Angolan universities have been increasingly surprised by their positions in international rankings, causing a series of concerns in the political sphere and society in general, as well as in academia itself. This scenario has brought their role, relevance, and importance as a university into disrepute. Since university rankings are important tools for evaluating and comparing HEIs around the world, in Angola, where the quality of HE is a growing concern, it is crucial to understand the nuances of these rankings and draw relevant lessons for improving the Higher Education sub-system. This study looks at world university rankings. Issues such as the main global and African rankings, criteria used in the rankings (research, teaching, internationalisation, innovation, social impact), challenges and criticisms of university rankings and lessons for Angola were highlighted. It was found that Angolan HE faces challenges related to teaching staff, leadership, governance and management, physical infrastructure and equipment, financial resources and diversification of revenue sources, equity in access and gender, research and innovation, regulation of teaching and quality assurance



Regulação do ensino e garantia de qualidade e a Aceleração da mudança ambiental e social. Entre as lições para Angola, esperam-se: i) Além dos esforços a nível nacional, adaptações nos critérios utilizados pelos *rankings*; ii) Melhoria no acesso ao sub-sistema de ES; iii) Maior relevância dos programas académicos; iv) Maior contribuição para o Desenvolvimento Socioeconómico pelas Universidades; v) Mais investimento em infraestruturas e melhoria das instalações académicas; vi) Mais acção na expansão e acesso; vii) Investimento e aposta na inovação e desenvolvimento tecnológico; viii) Acções de atracção de talentos e reconhecimento internacional; ix) A promoção da colaboração e parcerias internacionais.

Palavras-chave: Angola, *Ranking*, Ensino Superior, Investigação, Inovação.

and accelerating environmental and social change. Among the lessons for Angola, the following are expected: i) In addition to efforts at national level, adaptations to the criteria used by the rankings; ii) Improved access to Higher Education sub-system; iii) Greater relevance of academic programmes; iv) Greater contribution to socio-economic development by universities; v) More investment in infrastructure and improvement of academic facilities; vi) More action in expansion and access; vii) Investment and commitment to innovation and technological development; viii) Actions to attract talent and international recognition; ix) The promotion of international collaboration and partnerships.

Keywords: Angola, Ranking, Higher Education, Research, Innovation.

1. Introdução

O Ensino Superior (ES), a investigação e a inovação desempenham um papel crucial no apoio à coesão social, ao crescimento económico e à competitividade global. Actualmente as sociedades se tornem cada vez mais baseadas no conhecimento, tornando o ES uma componente essencial do desenvolvimento socioeconómico e cultural. Desta feita, as Instituições de Ensino Superior (IES) esforçam-se por atrair estudantes e investidores locais e internacionais, e a qualidade da educação tem um papel importante na atracção de investimentos e estudantes. A qualidade, embora não seja fácil de definir, resulta principalmente da interação entre professores, estudantes e o ambiente institucional de aprendizagem. A garantia de qualidade deve assegurar um ambiente de aprendizagem em que os conteúdos dos programas, as oportunidades de aprendizagem e as instalações sejam adequados ao seu objetivo (Zhang et al., 2019). Existem modelos internos e externos de avaliação da qualidade para instituições académicas, como universidades, faculdades e colégios. A qualidade de uma universidade é medida e percebida através, entre outros factores, muitas das vezes abordados em *rankings* universitários.

Os *rankings* universitários têm se tornado uma ferramenta importante na avaliação e comparação de IES ao redor do mundo. No contexto de Angola, onde a qualidade do ES é uma preocupação crescente, é crucial entender as nuances desses *rankings* e extrair lições relevantes para aprimorar o sistema educacional.

Os *rankings* universitários oferecem *insights* valiosos, mas também apresentam desafios significativos. Ao entender suas nuances e extrair lições relevantes, Angola pode utilizar essas ferramentas de avaliação de forma estratégica para melhorar a qualidade e o alcance do ES no País.

A dificuldade em medir a criação de conhecimento das universidades tem levado a realização de análises das classificações universitárias. Uma vez que estes índices de classificação das universidades são considerados instrumentos de aferição muito úteis para comparar o desempenho das IES em todo o mundo. A inclusão nestes índices de prestígio constitui uma forte publicidade para uma universidade e ajuda-a a atrair estudantes e académicos de elevada qualidade em todo o mundo, além de investidores ou parceiros (Dimzov et al., 2021; Csató e Tóth, 2020). Como é sabido as IES nacionais e internacionais valorizam as listas de classificação das universidades como um método de avaliação do impacto das instituições de ES. Sublinhamos que tais listas de classificação utilizam diferentes métodos de cálculo para posicionar as universidades numa escala, conferindo-lhes assim menor ou maior visibilidade no meio académico.

No entanto, os índices de classificação das universidades apresentam algumas deficiências importantes de serem consideradas, como o facto de terem em conta toda a universidade como uma única unidade, sem diferenciação em função dos diferentes domínios de estudo ou de investigação, de estarem limitados a algumas universidades de renome e de não terem em conta características institucionais como a dimensão ou a idade (Moorhouse et al., 2023; Olcay e Bulu, 2017).

O presente estudo faz uma abordagem sobre os *rankings* universitários mundiais. Foram destacadas questões como: principais *rankings* globais e africanos, critérios utilizados nos *rankings*, desafios e críticas aos *rankings* universitários e lições para Angola. Algumas vezes foram selecionados aqueles rankings que as Universidades angolanas constam, embora as consideradas principais foram alvos de maior atenção.

2. O panorama dos Rankings Universitários

Perspectiva dos principais rankings no plano global, regional (especialmente em Africa) e vectores em Angola

Diga-se de passagem, que o lado indiscutível de toda a comparação que se pode fazer dos *rankings* consiste em encontrar políticas de transparência das IEP frente à comunidade, a este respeito se expressou Dill e Soo (2005). Desta sorte, as métricas utilizadas geralmente partem



de uma perspectiva que obriga as IES a funcionarem como firmas ou agências em mercados competitivos, recorrendo deste modo a estratégias competitivas que na sua composição colocam-se determinados *condimentos* que se assumem enquanto critérios a considerar, a este propósito se reportou Grewal et al. (2008), que se expressou considerando: “*Universities are driven to act like firms in competitive marketplaces, seeking effective competitive strategies*”.

Coloca-se neste oceano a questão de saber, afinal quais os *rankings* que se destacam no plano global, regional e no arquipélago angolano, que critérios são sindicados no escrutínio científico de cada um?

Com a pretensão de respondermos as questões, consideramos que no computo da nossa reflexão elegemos e distinguimos três, nomeadamente: o *QS World University Rankings*; o *Academic Ranking of World Universities* e o *Times Higher Education World University ranking*, respectivamente.

Vejamos mais de perto e de forma brevíssima às constelações de cada um, apelando que ambos se encontram em constantes mutações no que aos critérios de classificações diz respeito, podendo em cada nova edição existir atualizações pontuais nos critérios, o efeito, estaremos concretados nos mais atualizados.

- I. **QS World University Rankings** (Quacquarelli Symonds do Reino Unido) – de acordo com este classificador, as métricas para inventariar as IES consideravam três desígnios, quais sejam: *Sustentabilidade, Resultados de Emprego e Rede Internacional de Investigação (SRRI)*.

De acordo com O’Callaghan (2023), no primeiro (sustentabilidade) as instituições abordam com seriedade questões relacionadas com a (“justiça social”) e questões (“climáticas”). Do mesmo autor, no que ao segundo resultados de emprego) diz respeito ao condimento coloca-se no leque das respostas que os formandos dão a sociedade, mensurada também pela satisfação dos empregadores. Finalmente, ainda no corredor do autor, no terceiro e último condimento (rede internacional de pesquisa) se coloca “*a importância da investigação na mudança do mundo*”, permitindo emprestar uma concepção da importância a conexão de colaboração e internacionalização da pesquisa das IES.

No plano global e pelo menos até as 100 primeiras, lideram IES Norte americanas, Reino Unido, Suíça, Cingapura, Austrália, China continental, Canadá, França, Hong Kong, Japão, Alemanha, Coreia do Sul, Holanda Bélgica, Malásia, Nova Zelândia, Taiwan, Irlanda, Brasil, Rússia, México, Argentina. Significa para o *QS World University Rankings*, nenhuma IES esta

inventariada nos primeiros 100 lugares, ou seja, na grande ilha regional africana, lidera a África do Sul com as Universidade do Cabo (colocada no plano global no lugar =173 com 48,7%), seguida nos demais lugares até 5 com as Universidades de *Witwatersrand* (no lugar =264 no *ranking* global), de *Stellenbosch* (no lugar 283 no plano global) de Joanesburgo (no lugar 306 no plano global), de Pretória (no lugar = 323 no plano global), seguindo-se em 6 lugar a Universidade do Cairo (no lugar =371 do plano global), trocando pelo menos nos dez primeiros 10 lugares entre África do Sul e Egito (O'Callaghan, 2024).

Das 1.500 IES catalogadas, nenhuma do arquipélago angolano reuniu critérios para estar classificadas.

II. ***Academic Ranking of World Universities***, ou mais precisamente ***Ranking de Xangai (ARWU)*** - Concentra-se em diferentes critérios que se resumem nos seguintes (Pavel, 2015; The Guardian, 2013):

a) **Qualidade de Educação**, inclui:

- **Qualidade**— de acordo com esta métrica, a IES deve possuir 5% de estudantes pós-graduação, 5% de estudantes não locais, proporção de 5% entre o pessoal académico e estudantes, 10% de Doutores e 10% dos antigos estudantes tenham ganho prémios Nobel ou tenham sido medalhistas de campo.
- **Unidades Orgânicas** - docentes com doutoramento (5%), funcionários ganhadores de prémios Nobel e medalhas de campo (10%), investigadores citados recorrentemente (10%), recurso (5%).

b) **Pesquisa - Resultados esperados** – para efeito desta, se considera: uma renda anual de pesquisa de 5%, publicações sobre natureza e ciência na ordem de 10%, publicações em revistas SCIE e SSCI – 10% e também 10% de patentes internacionais.

Como se poderá compreender está em casa o número de cientistas premiados, pesquisadores mais citados das IES e a sua contribuição que prestam a comunidade científica, bem como o número de artigos publicados em universidades internacionais, incluindo o desempenho de cada IES.

De acordo com a última catalogação de 2023 (www.shanghairanking.com), o cenário se mantém, de tal sorte que nenhuma IES africana se coloca nas primeiras melhores 100, liderando em nosso continente também a África do Sul com 4 IES entre as 500 e 8 IES nos melhores 1.000 lugares.



III. ***Times Higher Education Word University ranking (Britânico)*** – aqui se colocam como métricas os seguintes: resultados de desempenho global avaliando as IES na esteira dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas.

De acordo com alguns dados da Universidade do Algarve (UAlg ESGHT), os critérios de avaliação de IES bastam-se pelos seguintes (inclui correspondentes ponderações):

- a) **Ensino** - ambiente de aprendizagem - número de trabalhadores, do corpo docente, incluindo o número de professores doutorados, em relação ao número de estudantes (30%);
- b) **Investigação** - investigação desenvolvida e produtividade - receita obtida para projectos e número de publicações de referência (30%);
- c) **Citações** - impacto das publicações medido através do número de citações das publicações(30%);
- d) **Internacionalização**: grau de internacionalização - quantidade de trabalhadores e estudantes estrangeiros e número de publicações com colaboradores internacionais (7,5%);
- e) **Receita da indústria**: analisa a capacidade da universidade atrair investimento da indústria e para a inovação, patentes e consultoria (2,5%).

Desta sorte, no plano global, em 2024 a Universidade do Cabo da África do Sul encontra-se na posição 167.

No plano regional lideram nas melhores dez, Universidades da África do Sul com 4, Tanzânia com 2, Uganda, Nigéria, Ruanda, Gana (1 para cada). Nos PALOPES, Moçambique ocupa a 26 posição (Universidade Eduardo Mondlane), em Angola, a Universidade Rainha Njinga a Mande na posição 28.

Critérios utilizados nos rankings

Um assunto muito debatido no seio académico é a credibilidade dos *rankings* universitários, bem como os critérios utilizados por estes. Alguns estudos (Pérez-Esparrells e Orduna-Malea, 2018; Pavlina, 2012) consideram que, inicialmente, as classificações têm o objectivo de ajudar os futuros estudantes e os seus encarregados a escolher a universidade onde estudar. Para efeitos de comparação, as instituições ou os seus segmentos são colocados em categorias, avaliados e classificados através de diferentes abordagens metodológicas.

Muito se tem escrito sobre as insuficiências das listas de classificação das universidades. As inconsistências nas metodologias utilizadas ao longo do tempo são também uma das questões

que envolvem a credibilidade dos *rankings* universitários. Na corrida para aumentar a competitividade, as IES esforçam-se por se tornarem visíveis nos *rankings* internacionais. Perante as críticas relativas a deficiências metodológicas, os criadores dos *rankings* internacionais revêem frequentemente os indicadores e as suas proporções. Nalguns casos, a metodologia é drasticamente alterada, pelo que os resultados se tornam difíceis de comparar com os de anos anteriores. Além disso, por vezes, as edições anteriores dos *rankings* não estão disponíveis, como é o caso do *Webometrics* (Dimzov et al., 2021; Pavlina, 2012). Outro aspecto e de um modo geral, Olcay e Bulu (2017) ao compararem os critérios dos principais *rankings* mundiais, notaram diferenças significativas entre alguns índices, mesmo quando medem o mesmo critério, como o ensino ou a investigação.

Neste tópico, não criticamos a validade nem a metodologia utilizada nos *rankings* universitários, apenas analisamos os critérios por eles utilizados com base na bibliografia selecionada de forma cuidadosa, do ponto de vista de rigor científico e credibilidade internacional.

Numa abordagem sobre “*rankings* universitários e afiliações institucionais e o papel dos bibliotecários académicos”, Dimzov et al. (2021) consideram que um dos critérios utilizados para classificar uma determinada universidade é a produção científica dos seus investigadores. Os dados sobre a produtividade da investigação são recolhidos principalmente em bases de dados bibliográficas e de citações, como a *Web of Science Core Collection* e a *Scopus*. A exatidão dos dados recolhidos depende, entre outras coisas, das afiliações institucionais que os autores indicam nos seus artigos. Mostrar correctamente a afiliação institucional em cada artigo científico indexado nas bases de dados afecta muito o número de artigos atribuídos à referida instituição.

Com base em vários estudos (Moorhouse et al., 2023; Csató e Tóth, 2020; Pérez-Esparrells e Orduna-Malea, 2018; Pavlina, 2012) e de um modo geral, existem vários aspectos considerados nos *rankings* universitários. Os mesmos variam de acordo com a organização responsável pela avaliação, mas geralmente se concentram em cinco áreas principais:

i) Pesquisa:

- Reputação académica: Avalia a percepção da comunidade académica sobre a qualidade da pesquisa realizada na instituição.
- Produção científica: Quantifica o número de artigos publicados em revistas científicas de alto impacto.



- Citações: Mede a frequência com que a pesquisa da instituição é citada por outros pesquisadores.

- Captação de recursos: Avalia a capacidade da instituição de obter financiamento para pesquisa.

ii) Ensino:

- Reputação do ensino: Avalia a percepção da comunidade académica sobre a qualidade do ensino oferecido pela instituição.

- Qualidade do corpo docente: Mede a titulação e experiência dos professores da instituição.

- Proporção/rácio aluno-professor: Avalia a carga de trabalho dos professores e o nível de atenção individual que os alunos podem receber.

- Satisfação dos alunos: Mede o nível de satisfação dos alunos com a qualidade do ensino.

iii) Internacionalização:

- Proporção de alunos internacionais: Avalia a capacidade da instituição de atrair alunos de outros países.

- Proporção de professores internacionais: Avalia a diversidade do corpo docente da instituição.

- Acordos internacionais: Mede o número de acordos de colaboração que a instituição possui com outras universidades no exterior.

iv) Inovação:

- Número de patentes: Quantifica o número de patentes registadas pela instituição.

- Número de empresas criadas: Mede o número de empresas que foram criadas a partir de pesquisas realizadas na instituição.

- Transferência de tecnologia: Avalia a capacidade da instituição de transferir seus conhecimentos para o setor produtivo.

v) Impacto social:

- Projetos de extensão: Quantifica o número de projetos de extensão que a instituição realiza em benefício da comunidade.

- Inserção social dos alunos: Avalia o nível de engajamento dos alunos em atividades de extensão.

- Sustentabilidade: Mede o compromisso da instituição com a sustentabilidade ambiental e social.

Entretanto, a título de exemplo, Olcay e Bulu (2017) consideram os seguintes critérios para os três sistemas de *rankings* descritos no quadro 1 e Millot (2015) no quadro 2.

Quadro 1. Principais critérios e pesos associados dos indicadores utilizados nas principais classificações universitárias (Olcay e Bulu (2017))

Critério	Principais indicadores		
	<i>THE World</i>	<i>ARWU</i>	<i>QS World</i>
Ensino	Inquérito sobre a reputação (15%) Rácio estudantes/docentes (20%) Rácios pessoal/estudante, doutoramento/bacharelato, doutoramentos concedidos/docentes e rendimento institucional (15%)	-----	-----
Investigação	Produtividade da investigação (6%) Inquérito sobre a reputação (18%) Rendimento da investigação (6%)	Artigos publicados na Nature e na Science (20%)	-----
Citação	Citações de trabalhos publicados (30%)	Artigos indexados no SCI (-expandido) e SSCI (20%)	Citações por docente (20%)
Qualidade do ensino	-----	Ex-alunos que ganharam prémios Nobel e medalhas Fields (10%)	Inquérito sobre a reputação do empregador (10%)
Qualidade do corpo docente	-----	Antigos alunos com prémios Nobel e medalhas Fields (10%) Pessoal com prémios Nobel e medalhas Fields (20%) Inquérito global sobre a reputação académica (40%) Investigadores altamente citados em 21 grandes categorias temáticas (20%)	Inquérito sobre a reputação do empregador (10%)
Perspectivas internacionais	Rácios de estudantes/funcionários internacionais e nacionais e colaboração internacional (7,5%)	-----	Rácios de professores e alunos internacionais (10%)
Rendimentos do sector	Actividades de transferência de conhecimentos (2,5%)	-----	-----
Outras actividades	-----	Pontuação ponderada* dos cinco indicadores em relação ao número de pessoal académico equivalente a tempo inteiro (10%)	-----

* As pontuações ponderadas dos cinco indicadores (investigação, citações, qualidade do ensino e dois deles em termos de qualidade do corpo docente) divididas pelo número de pessoal académico equivalente a tempo inteiro.



Daqui podemos tirar várias lições sobre o que precisa ser feito para melhorarmos a qualidade de ensino em Angola, com vista ao desenvolvimento socioeconómico local e regional, bem como a melhoria no nível de vida; sendo que a ascensão a lista de um dos *rankings* é consequência da evolução e melhoria em todos os níveis no subsistema de ES angolano e nas suas estruturas basilares e de suporte.

Quadro 2. Classificação das universidades: classificação e pontuação das divulgações (Milot, 2015)

Sistema de classificação das universidades	Classificação universitária	Agrupamento	Pontuações apresentadas
Times Higher Education (THE) World University Rankings	Top 200 201–300 301–400	Individual Clusters de 25 Clusters de 50	Sim Não Não
Quacquarelli Symonds (QS) World University Rankings	Top 400 401–500 501–700	Individual Clusters de 10 Clusters de 50	Sim Não Não
Shanghai Academic Ranking of World Universities (ARWU)	Top 100 101–200 201–500	Individual Clusters de 50 Clusters de 100	Sim Não Não
Webometrics	Top 12 000	Individual	Sim

Desafios e críticas aos rankings universitários

Através das abordagens de Shahjahan e Baizhanov (2023), Dimzov et al. (2021), Olcay e Bulu (2017) e Milot (2015), fizemos uma comparação entre as classificações das universidades e as classificações dos sistemas de ES. Para o autor há dois pontos a esclarecer, a saber:

i) Seleção das classificações

A escolha das classificações universitárias internacionais é facilitada pelo facto de três destas classificações se destacarem como as mais populares, melhor estabelecidas e que fornecem vários anos de dados comparáveis. São elas: a) o *Shanghai Academic Ranking of World Universities* (ARWU), produzido pelo *Center for World Class Universities*; b) o *Times Higher Education (THE) World University Rankings*; e c) o *Quacquarelli Symonds (QS) World University Rankings*.

Estes são diferentes em termos de objectivos, âmbito, metodologia e fontes de dados, bem como da sua afiliação institucional (THE e QS são actividades comerciais geridas por empresas privadas, a ARWU é gerida por uma empresa de consultoria - um ramo da Universidade Jiao Tong de Xangai), as "três grandes" partilham também uma série de características comuns e -

como se verá adiante - resultados convincentemente semelhantes. Por conseguinte, são uma escolha lógica para a comparação. A estas três classificações juntou-se uma quarta, a *Webometrics Ranking* (ou *Ranking Web*), produzida pelo Cybermetrics Lab, um ramo do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS). Embora muito diferente, o *Webometrics* continua a produzir resultados surpreendentemente análogos aos das outras classificações, pelo menos quando aplicado ao mesmo número de universidades de topo.

ii) O método de comparação dos resultados.

Ao nivelar o campo de acção, conclui-se que por definição, as classificações das universidades e dos sistemas operam a níveis diferentes e os seus resultados não podem ser comparados diretamente. As classificações universitárias não incluem uma avaliação do ambiente das universidades, e as classificações de sistemas não têm por objetivo classificar as universidades individualmente. As classificações universitárias representam o nível micro, enquanto as classificações de sistemas representam o nível macro. Para que a comparação seja pertinente, é, pois, necessário agregar os dados micro ao nível macro (país). Assim, em vez de considerar cada instituição individual, os dados são agregados para cada país. Trata-se de uma forma de "actualizar" as classificações universitárias, de modo a torná-las directamente comparáveis com as classificações dos sistemas. Naturalmente, as enormes diferenças na dimensão dos países não permitem efectuar as comparações simplesmente com base no número de instituições por país - estes números têm de ser normalizados.

Um método rudimentar para o fazer consiste em ponderar o número de países com este tipo de concorrentes se seguissem uma política baseada nos resultados de uma classificação universitária. Em termos mais gerais, isto sugere que os países em desenvolvimento não estão a jogar na mesma liga que os países de rendimento elevado. Normalmente, os cinco países que ocupam os primeiros lugares nas quatro classificações são países com rendimentos elevados e de pequena dimensão em termos geográficos.

Entretanto, olhando um pouco para o contexto nacional, cada vez mais e acentuadamente as universidades angolanas têm sido confrontadas com uma apreciação negativa como produto dos *rankings* internacionais que anualmente disponibilizam com destaque para a internet, o que tem tributado para uma série de preocupações ao nível dos seus integrantes, dos decisores políticos e da sociedade no geral. Tal cenário, coloca sobre “descredito” o seu papel, relevância e importância, consubstanciada na formação de quadros com alto nível de educação, expresso numa adequada preparação técnica, científica, cultural e humana, em diversas especialidades e



com capacidade de desenvolver a aprendizagem ao longo da vida contribuindo para o desenvolvimento socioeconómico do país. Tal posicionamento está longe de refletir a qualificação desejada e de alto nível que valorize a educação para o desenvolvimento sócio-económico e produtivo, a cidadania, o desenvolvimento da criatividade e a capacidade para trabalhar em equipa, em estreita ligação com a investigação científica orientada para a solução dos problemas locais e nacionais, prestando serviços á comunidade, difundindo e transferindo conhecimento, com acções que acrescentem valor á própria Instituição e as comunidades.

A *webmetrics* por exemplo, apresenta distintos critérios para sua avaliação. Para Buza e Tomé (2019), existem outros critérios usuais em *ranking* tais como: a capacidade financeira, a actividade internacional, a actividade bibliometria, a avaliação do mercado, a capacidade de inovação e o impacto das citações. Considerando estes parâmetros poder-se-ia referir que a classificação das IES angolanas depende exclusivamente da actividade dos seus docentes e investigadores científicos e do apoio que pode ser brindado pelo estado. A ser verdade, interroga-se por que razão as actividades dos mesmos não se refletem para um melhor posicionamento das suas instituições? Para responder à questão, destacamos alguns conceitos que fazem parte das análises nos *rankings* e devem ser alvos de consideração por Angola:

- a) **Impacto de uma publicação** - conceito de medida e impacto de uma publicação que reside no postulado de que o valor da informação transmitida através de revistas especializadas deve ser avaliado pelos utilizadores. Quanto mais investigadores lerem um artigo e o citem em seus futuros trabalhos supõe que o autor e sua ideia tenham maior impacto da comunidade científica.
- b) **Índices internacionais** - são bases de dados com ampla cobertura que indexam, catalogam ou resumem as publicações de periódicos seleccionados, em todas as áreas do conhecimento.
- c) **Ex-ISI e seus produtos** – são das bibliotecas mais importantes do mundo, iniciadas há cerca de 90 anos a avaliação de revistas especializadas. Obviamente, os critérios para tais avaliações eram diferentes dos propostos hoje.
- d) **Science Citation Index Expanded (SCI-Expanded)** - é uma das sete bases de dados da *Web of Science*, que agrega muitas revistas utilizadas em critérios de *rankings*.
- e) **SCOPUS** – já foi considerada como a maior base de dados de resumos e referências bibliográficas, com cobertura superior a 20% em relação a *Web of Science* (WoS), enquanto o Google Académico oferece resultados mais imprecisos. Para melhor precepção, revistas como *Elsevier*, *Springer*, *Wiley-Blackwell* e *Taylor & Francis* juntas cobrem apenas 28% de tudo o que está incluído no *Scopus*.

- f) **Scielo Citation Index (SCCI)** - é um banco de dados e plataforma pesquisável para literatura académica em todas as áreas da ciência, artes e humanidades cobertas pela e-biblioteca *Scielo*. Ela está integrada na plataforma WoS.
- g) **Índices de Qualidade e Factor de Impacto do ISI** – corresponde ao factor de impacto, que é o total de citações, índice de imediatismo, número total de artigos, meia-vida de citação e velocidade de auto citação.
- h) **InCites-Journal Citation Reports (JCR)** - é uma ferramenta incluída na plataforma da WoS, que oferece dados estatísticos quantificáveis sobre citações, incluindo o Factor de Impacto, que permite determinar de forma sistemática e objetiva a importância relativa das principais revistas de pesquisa do mundo dentro de suas categorias temáticas.
- i) **SCImago Citation Ranking (SJR by Scopus)** - é um portal que inclui alguns indicadores sobre a qualidade e o impacto de publicações e revistas com base em informações do Scopus da Elsevier.

Seguindo o raciocínio anterior aos conceitos, alguns autores consideram que o ES no País, enfrenta vários desafios e oportunidades. Neste sentido, Ferreira *et. al.* (2016), consideram que apesar da inquietação permanente e discursiva com a qualidade, constata-se a preocupação que poucos indicadores foram melhorados, apesar do continuo reconhecimento do contributo do ES como um catalisador para o desenvolvimento sustentável e harmonioso do País. Porém, cada vez mais, as empresas reclamam da qualidade do produto que as IES disponibilizam, e por sua vez, as universidades reclamam das condições que são disponibilizados pelo estado (governo) para melhorarem a qualidade da sua prestação de serviço e o posicionamento nos *rankings* internacionais. É um dilema de empurra, empurra e a procura de culpados permanentemente.

Colocados os pressupostos acima, quais são afinal os desafios, salvo algumas exceções, que enfrentam as IES na África Subsariana? Em nosso entender e com base nos fundamentos de alguns estudos (Valderrama, 2022; Buza e Tomé, 2019; Ferreira *et al.*, 2016), entre os desafios constam:

- a) **Corpo Docente** – contingente e diferenciação académica;
- b) **Liderança, Governança e Gestão** - continua a ser um desafio, posto que grande parte das IES estão sendo lideradas por gestores com pouca experiência em matéria de gestão universitária e associado a estes aspectos as instituições não possuem capital humano do próprio quadro. Além disso são atribuídos limites orçamentais muito aquém das suas reais necessidades e os fundos arrecadados estão limitados aos definidos na tabela de emolumentos,



propinas e taxas (DP 124//20, de 5 de Maio), embora haja iniciativas de financiamento de projectos de investigação científica.

c) **Infraestruturas físicas e equipamentos** - a situação mantém-se estacionária. As IES, muitas delas funcionam em condições precárias, partilham espaços com instituições do ensino secundários, algumas funcionam em infraestrutura do primeiro ciclo (ensino primário), não possuem laboratórios tornando a formação muito teórica e não proporcionando, portanto, qualidade suficiente para os estudantes enfrentarem o mercado de trabalho com sucesso. Nas Universidades não há património informático e tecnológico adequado.

d) **Recursos Financeiros e Diversificação das Fontes de Receitas** - a parte dos salários, que são reclamados recorrentemente por não estarem a dimensão das necessidades sociais dos agentes, o cenário actual se apresenta pior, dando a sensação de quase demissibilidade de responsabilidades para com bens e serviços, com despesas de capital e despesas de apoio ao desenvolvimento.

Por outra, do ponto de vista de diversificação de fontes de receitas, apesar do esforço que as IES têm desenvolvido, geralmente confrontam-se com o dilema de que as entidades internacionais apresentam reservas em disponibilizar os seus recursos financeiros e serem colectados na conta única do tesouro nacional em virtude de o ministério das finanças impor as IES não podem ter contas em bancos privados contrariando o artigo 17º do Decreto Presidencial nº 124/20, de 4 de Maio. As reservas manifestadas têm impedido algumas IES de beneficiarem de alguns financiamentos externos quando o país tem feito um grande esforço para atração de investidores extra-muros.

e) **Equidade no Acesso e no Género** - o cenário mantém-se, entretanto, se verificou nos últimos anos uma ligeira melhoria no acesso as jovens do género feminino nos cursos de licenciatura, porém, nos cursos de pós-graduação, o cenário apresenta ainda preocupações. De realçar que em África, em cada 100 estudantes homens, 62 são mulheres, o que revela os desafios a percorrer. Poucas licenciadas frequentam os cursos de mestrados e ou de doutoramento e como consequência poucas abraçam a carreira docente universitária e de investigação científica resultando num completo desequilíbrio entre homens e mulheres e com todas as consequências inerentes.

f) **Pesquisa e inovação** - pouca evolução tem se verificado, as Universidades abaixo do Sahara, salvo poucas excepções (Africa do Sul, Nigéria), a maioria dos países é preocupante a situação. Em 2017, Angola do ponto de vista político definiu que lutaria para colocar duas

universidades nas cem (100) melhores de África, porém, os decisores não tiveram em conta que o ES (a pesquisa e a inovação) não são resultados de decretos, mas sim, deve haver investimentos para que os docentes e investigadores possam pesquisar, intercambiar com outras latitudes criando inclusive redes de contactos e na base do conhecimento endógeno possam criar e desenvolver.

O País continua a ter poucas investigações publicadas e a que se fazem são restritas a poucos investigadores, ou seja, existem poucos grupos de investigadores que trabalham em equipa que possam propiciar mais artigos científicos, livros e projectar a imagem da universidade de Angola. Por outro lado, vão abundando no país algumas revistas científicas, porém, com indexação a bases de dados pouco relevantes, ou seja, não estão por exemplo indexadas em SCielo, Scopus, etc., e de acesso aberto, tornando a sua visibilidade reduzida com os prejuízos associados mesmo quando nelas são publicados artigos com alguma qualidade superior. Outro elemento notório é a falta de regularidade das publicações das mesmas revistas contrastando com as normas de revistas com *Internacional Standard Serial Number* (ISSN). Não existe um centro de certificação alinhando por exemplo ao de Paris que permita atribuição do número de ISSN e *International Standard Book Number* (ISBN) a produção científica, fazendo com que alguma produção não seja contabilizada para o país e como consequência redundando em prejuízo nos *rankings*.

- g) **Regulação do Ensino e Garantia de Qualidade** - é uma matéria de extrema importância e tem-se registado algum avanço no plano normativo. Neste sentido, foram elaborados os manuais de avaliação interna, avaliação externa e de acreditação cujas normas necessitam serem melhor socializadas com todos os actores da comunidade académica para juntos construirmos um ensino superior de qualidade (estudantes, trabalhadores não docentes, docentes e investigadores científicos).

Entretanto, em abordagens internacionais sobre esta matéria, Angola tem estado pouco presente sobretudo nos fóruns da região da SADC, talvez devido às dificuldades linguísticas e por vezes até financeiros para satisfação de necessidades básicas como o sinal para internet. No aspecto normativo, um elemento condicionador para maior produção científica pode estar associado ao facto de que a legislação angolana (estatuto da carreira docente) não favorece a comunicação entre carreira, factor limitativo para entrega e participação pelos docentes e investigadores científicos. Por exemplo um docente na categoria de assistente se não for doutor nunca poderá alcançar a carreira de professores, deste modo, pergunta-se que elementos poderão estimular o mesmo em fazer investigação que resulte em produtos



científicos? De que servirá tal esforço se não pode ser contabilizado para progressão na carreira? Algo deve ser revisto. A situação prevista no capítulo dos assistentes é extensível aos professores auxiliar que não estejam a frequentar um curso de doutoramento. Por outro lado, prevalecem resistências na implementação do processo de jubilação de professores, registando-se que muitos docentes se desligam completamente das Universidades sobretudo nas publicas, não transferindo stocks de conhecimentos para as instituições e para os docentes mais jovens da qual serviram por vários anos.

No entanto, como referido, o marco legislativo a partir do ano 2020 tem registado avanços significativos e com a avaliação das IES que condicionarão a sua creditação poder-se-á em sequência conhecer-se uma filosofia educativa que reflita a escola de Angola com sua própria identidade e não como resultado de experiências do lugar onde cada docente tenha estudado.

- h) **Aceleração das mudanças ambiental e social** - é um novo *Ranking* a que as universidades estão sujeitas desde 2022, onde destaca-se a África do Sul com maior número de universidades em África que (*QS World University Rankings: Sustainability 2023*). A classificação neste *ranking* fornece uma estrutura sobre como as universidades estão se saindo na aceleração da mudança ambiental e social globalmente. No total, a África do Sul tem nove universidades no novo *ranking*, representando cerca de 50% do continente africano. Apenas 16 universidades em seis países do continente foram classificadas entre as 700 instituições que foram incluídas de uma lista total de 1.300. (*Kigotho*, 2022). Entre os indicadores utilizados nesta avaliação destacam-se: o impacto ambiental (educação sustentável com ponderação de 40%; instituições sustentáveis – 35%; e pesquisa sustentável – 25%); impacto social (emprego e oportunidades – 20%; igualdade – 30%; qualidade de vida – 10%; impacto da educação – 20%; e troca de conhecimento – 20%).

3. Lições para Angola

Para o caso de Angola e não só, deve se ter em conta que os *rankings*, muitas das vezes, não consideram a realidades locais. Assim, apela-se ao Ministério de superintendência do ES no País, que se observe este elemento (a realidade e contexto local) nas relações e assinaturas de protocolos com as instituições administradoras destas matérias, como se vê agora o trabalho do Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação (MESCTI) e a *Elsevier*, bem como *THE Pan-Africa Universities Summit*.

Desta feita, espera-se uma adaptação aos critérios de avaliação para refletir as necessidades e realidades locais; sugere-se uma abordagem holística e colaborativa envolvendo *stakeholders* diversos, incluindo educadores, formuladores de políticas, empregadores e a sociedade civil. É essencial reconhecer e valorizar a diversidade e complexidade das experiências educacionais e contextos socioeconómicos locais, buscando equilibrar padrões globais de excelência com as especificidades e aspirações locais. Através de um diálogo aberto e contínuo, é possível desenvolver sistemas de avaliação mais justos, inclusivos e alinhados com os objetivos de desenvolvimento sustentável e progresso social.

Esta adaptação deve, entre outros, os seguintes aspectos:

a) Acesso ao sub-sistema de ES

Desigualdades Sociais: em Angola, o acesso ao sub-sistema de ES é muito limitado por barreiras socioeconómicas, algumas vezes relacionados com os custos elevados de matrícula, a falta de infraestrutura educacional adequada e as desigualdades regionais.

Diversidade de Contextos: as necessidades e desafios variam de região para região no País, exigindo critérios de avaliação flexíveis que considerem as especificidades locais.

b) Relevância dos Programas Académicos

Alinhamento com o Mercado de Trabalho: é crucial que os programas académicos estejam alinhados com as demandas do mercado de trabalho local em cada província ou região, preparando os alunos para carreiras que contribuam para o desenvolvimento socioeconómico do País.

Inclusão de Conhecimentos Tradicionais e Culturais: em Angola reconhecer e valorizar os conhecimentos tradicionais e culturais locais pode enriquecer os currículos académicos e promover um sub-sistema de ES mais inclusivo e representativo.

c) Contribuição para o Desenvolvimento Socioeconómico

Impacto Comunitário: As IES angolanas devem ser avaliadas não apenas com base em indicadores académicos, mas também pelo seu impacto na comunidade e na sociedade em geral, incluindo a promoção da inovação, pesquisa aplicada e prestação de serviços à comunidade.

Sustentabilidade: A contribuição para o desenvolvimento socioeconómico deve ser avaliada considerando a sustentabilidade ambiental, social e económica a longo prazo.

d) Importância do Investimento em Infraestrutura



O investimento em infraestrutura e pesquisa desempenhará em Angola um papel crucial na elevação da qualidade do ES nacional e na competitividade das instituições angolanas no cenário internacional. Através de investimentos estratégicos nessas áreas, será possível melhorar significativamente a capacidade das instituições angolanas de fornecer uma educação de alta qualidade, realizar pesquisas inovadoras e atrair talentos académicos e estudantes.

e) Melhoria das Instalações Académicas

Laboratórios Modernos: o governo através do MESCTI deve investir em laboratórios equipados com tecnologia de ponta permite que os estudantes e pesquisadores realizem experimentos e estudos avançados.

Tecnologia da Informação: em Angola, tal como em outras paragens, a infraestrutura tecnológica atualizada é essencial para suportar o ensino online, a pesquisa digital e o acesso a recursos académicos globais.

f) Expansão e Acesso

Campus e Facilidades: a construção de novos campus universitários no País e a expansão das instalações existentes podem aumentar a capacidade das instituições de acolher mais estudantes e oferecer uma gama mais ampla de programas académicos.

Acessibilidade: melhorar o acesso físico e digital às instalações educacionais pode reduzir as desigualdades geográficas e socioeconómicas no acesso ao sub-sistema de ES do País.

g) Inovação e Desenvolvimento Tecnológico

Pesquisa Aplicada: a promoção da pesquisa aplicada pode levar ao desenvolvimento de soluções inovadoras para os desafios locais e globais, impulsionando o desenvolvimento socioeconómico de Angola.

Colaboração Interdisciplinar: Angola deve investir em pesquisa interdisciplinar pode estimular a colaboração entre diferentes campos de estudo, gerando *insights* e inovações que transcendem as fronteiras disciplinares.

h) Atração de Talentos e Reconhecimento Internacional

Programas de Bolsas e Incentivos: o País deve continuar a oferecer e aumentar programas de bolsas de estudo e incentivos para pesquisadores pode atrair talentos académicos de renome internacional.

Publicações e Parcerias: a promoção de publicações de pesquisadores e académicos angolanos de alta qualidade e parcerias de pesquisa internacionais pode aumentar o perfil e a reputação das instituições no cenário académico global.

Portanto, o investimento estratégico em infraestrutura e pesquisa é fundamental para elevar a qualidade do ES em Angola e aumentar a competitividade das instituições angolanas no cenário internacional. Ao priorizar essas áreas, Angola não só fortalece suas IES, mas também posiciona o País como um centro de excelência académica e inovação, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e o progresso socioeconómico a longo prazo.

Se aliado aos seus recursos naturais, através de um compromisso contínuo com a educação e a pesquisa, Angola pode cultivar um ambiente propício à aprendizagem, descoberta e transformação positiva na sociedade.

Por outro lado e muito importante, a promoção da colaboração e parcerias internacionais é uma estratégia fundamental para fortalecer a internacionalização das universidades angolanas e aumentar sua visibilidade global. Através de alianças estratégicas com instituições de ES, organizações de pesquisa e governos ao redor do mundo, as universidades angolanas podem enriquecer seus programas académicos, executar os programas de intercâmbios docentes e discentes, ampliar suas redes de pesquisa e atrair talentos internacionais, contribuindo assim para a elevação da qualidade educacional e pesquisa.



4. Referências Bibliográficas

- Buza, A. G e Tomé, J.A (2019). Rankings académicos no contexto da avaliação das instituições de ensino superior em Angola: desafios para o futuro. Rankings académicos e governança universitária no espaço do ensino superior de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Macau, Moçambique, Portugal e Brasil.
- O'Callaghan, C. (2024). Metodologia QS World University Rankings: Cassificações para iniciar sua pesquisa universitária, disponível em <https://www.topuniversities.com/qs-world-university-rankings/methodology>, consultado a 21 de Janeiro de 2024.
- O'Callaghan, C. (2023). <https://www.topuniversities.com/student-info/choosing-university/worlds-top-100-universities>
- Csató, L., & Tóth, C. (2020). University rankings from the revealed preferences of the applicants. *European Journal of Operational Research*, 286(1), 309-320.
- Diário da República (2020). Decreto Presidencial nº 124/20, de 5 de Maio. Regulamento sobre propinas, taxas e emolumentos das Instituições de Ensino Superior.
- Diário da República (2020). Decreto Presidencial nº 310/20, de 7 de Dezembro -Regime Jurídico do Subsistema do Ensino Superior. Diário da República.
- Dill, D. e Soo. M. "Academic Quality, League Tables, and Public Policy: A Cross National Analysis of University Rankings Systems" *Higher Education*, Vol. 49, no. 4, pp. 495-533, Jun, 2005.
- Dimzov, S., Matošić, M., & Urem, I. (2021). University rankings and institutional affiliations: Role of academic librarians. *The Journal of Academic Librarianship*, 47(5), 102387.
- Grewal, R., Dearden, J. e Lilien, G. "The University Rankings Game: Modeling the Competition among Universities for Ranking", *The American Statistician*, Vol. 62, no. 3, pp. (232) 232-237, Aug, 2008.
- <https://www.voaportugues.com/a/africa-do-sul-lidera-continente-no-indice-mundial-de-universidades/2988729.html#:~:text=com%20a%20elite-,global,-%2C%20que%20talvez%20n%C3%A3o>, consultado a 20 de Fevereiro de 2024.
- JOHN GILL, editor do Times Higher Education VOA, disponível em:
- Kigotho, W. (2022). Novos rankings de sustentabilidade listam 16 universidades da África (universityworldnews.com). Consultado a 02/03/2024.
- Millot, B. (2015). International rankings: Universities vs. higher education systems. *International journal of educational development*, 40, 156-165.
- Moorhouse, B. L., Yeo, M. A., & Wan, Y. (2023). Generative AI tools and assessment: Guidelines of the world's top-ranking universities. *Computers and Education Open*, 5, 100151.
- O'Callaghan, C. (2024). The world's top 100 universities. Retrieved from <https://www.topuniversities.com/student-info/choosing-university/worlds-top-100-universities>. Accessed on 24 April 2024.
- ODS: disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/impactrankings>, consultado a 19/02/2024.
- Olçay, G. A., & Bulu, M. (2017). Is measuring the knowledge creation of universities possible?: A review of university rankings. *Technological Forecasting and Social Change*, 123, 153-160.
- Pavel, A. P. (2015). Global university rankings – a comparative analysis. *Procedia Economics and Finance*. 26: 54–63. doi:10.1016/S2212-5671(15)00838-2.
- Pavlina, K. (2012). Webometric ranking of European universities. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 46, 3788-3792.
- Pérez-Esparrells, C., & Orduna-Malea, E. (2018). Do the technical universities exhibit distinct behaviour in global university rankings? A Times Higher Education (THE) case study. *Journal of engineering and technology management*, 48, 97-108.
- Shahjahan, R. A., & Baizhanov, S. (2023). Global university rankings and geopolitics of knowledge. *International Encyclopedia of Education*, 2, 1-25.
- The Guardian. (2013). World university rankings: how much influence do they really have? The first international rankings, the Academic Ranking of World Universities or Shanghai Rankings. Retrieved 24 April 2024.
- UALg EDGHT: <https://esght.ualg.pt/times-higher-education-world-university-rankings-0>
- Valderrama, J.O. (2022). Publicar em revista científica de corrente principal: Antecedentes, definição e recomendações. Editorial Universidade de Serena, Santiago-Chile. ISBN: 978-956-7393-63-3.
- Zhang, L.-Y., Liu, S., Yuan, X., & Li, L. (2019). Standards and guidelines for quality assurance in the European higher education area: Development and inspiration. *DEStech Transactions on Social Science, Education and Human Science*. <https://doi.org/10.12783/dtssehs/icesd2019/28072>. icesd.